



Visita à Febem: o "novo olhar"

MARIA LUIZA MARCÍLIO

"Mães de internos da unidade da Febem, de Franco da Rocha não puderam visitar os filhos no dia 8 de julho. Segundo elas, os menores teriam sido agredidos pelos monitores de madrugada. Eles estariam com marcas de violência e, por esse motivo, os funcionários dificultaram o acesso ao prédio", noticiou o jornal O Estado de São Paulo, em 9 de julho passado.

Visitei, em 28 de junho pp. a unidade da Febem de Franco da Rocha, uma UAP (Unidade de Acolhimento Provisório), que deveria ser destinada aos jovens infratores que aguardam medida do juiz. Na realidade lá estão aprisionados além dos jovens que aguardam sentença do juiz, muitos já sentenciados, mas que chefiaram rebeliões em outras unidades da Febem.

Esta Unidade, recentemente inaugurada, foi especialmente construída de urgência, para abrigar os jovens infratores da unidade Imigrantes, que, após os graves incidentes de setembro e outubro de 1999- uma serie de sucessivas rebeliões que culminaram com quatro mortes de menores - foi desativada pelo governador.

Compõem esse estabelecimento dois grandes pavilhões com capacidade total para 490 internos, o que está, pois em flagrante oposição à lei (o ECA) que recomenda o internamento em estabelecimentos de no máximo 40 lugares. Mais: o desrespeito à lei não se limita à capacidade dos prédios apenas. A construção expressamente realizada para abrigar menores em conflito com a lei, é de fato, uma grande prisão de segurança máxima, própria para adultos delinqüentes da mais alta periculosidade. Seus muros são altíssimos, de mais de 4 metros, sem janelas à altura



da visão, apenas pequenas aberturas gradeadas no alto das paredes. Foram planejadas celas para dez pessoas, com beliches de cimento e altas grades de ferro como abertura constante, noite e dia, no frio ou calor, para o pátio. São seis celas por módulo e por pátio, para onde se abre ainda uma sala que serve de refeitório com mesas e bancos de cimento e uma abertura na parede, com grades, de onde são servidos os pratos de comida, na hora da refeição. Os 60 internos de cada módulo dispõem de uma saleta, voltada para o pátio igualmente, com uma televisão escrachada, com imagem deslocada, onde em pequenos grupos, e sentados no cimento do chão, sem poder se mexer e vigiados por três ou quatro monitores de pé, têm os poucos e curtos momentos de sua única "ocupação" ou "lazer", nas suas 24 horas de completo ócio.

No curto momento em que pude visitar o módulo, a sensação foi de um misto de terror, de dor, de espanto, de incredulidade e de indignação, ao constatar que em plena entrada do século XXI, em um país democrático, e no século dos direitos humanos e dos direitos da criança pode-se ainda assistir a cena digna das masmorras da Antigüidade ou do período medieval.

Os jovens passam quase vinte e quatro horas trancados em suas celas, cuja única visão é um pátio de cimento por todo lado. Nas poucas horas em que saem, por turnos, de suas celas, para tomar sol, os moços, no pátio, ficam sentados em pequenos grupos, procurando uma réstia de sombra pelos cantos, fugindo da inclemência do sol do meio do dia.

Os monitores permanecem junto aos dois lances das grades da entrada do módulo. Todos estão apavorados com uma possível rebelião, onde seriam os primeiros a servir de reféns. Boa parte deles vieram transferidos da 'Imigrantes', com curta estada no tenebroso Cadeião de Pinheiros, e foram atores e vítimas das rebeliões do ano passado. Estão até hoje traumatizados. O clima é pois de pavor, de medo, de ansiedade de ambas as partes. Dentro do chamado sistema de trabalho 3 por 2, trabalham três dias "sem descanso" e folgam dois. Estão estressados. Fumam o tempo todo, como forma de passar o tempo, e sabemos todos que muitos bebem até a embriaguez. Constatei, uma vez mais, que os monitores são os únicos funcionários da FEBEM que estão em 'contacto' direto e diuturno com os jovens presos. Diretores, psicólogos e assistentes sociais permanecem no setor administrativo. Só excepcionalmente descem para falar com um ou outro menino.

Preferem chamá-lo, acompanhado sempre de um guardião, na ala administrativa. Aqueles profissionais passam o dia digitando e escrevendo relatórios "técnicos" que mandarão para o juiz ou cumprindo outras tarefas burocráticas.

Assim, pois, os meninos passam o dia e a noite entre grades de ferro e paredes de cimento. A única presença da Natureza é a visão, no alto, de um céu quadrado, no vão de altíssimas paredes do pátio. Disseram-me que há, uma vez ou outra uma partida de futebol. onde os monitores jogam com os meninos. Atividades recreativas ou educativas só começarão a funcionar - dizem-me - quando estiverem todos organizados por nível de escolaridade. De resto um grupo de professoras acaba de ser contratado para iniciar as atividades em breve. Não fiquei sabendo se estão treinadas e preparadas para a tarefa difícil e especial que as espera.

A sensação do visitante que transpõe inúmeros portões de ferro e vários seguranças, antes de chegar a um dos pavilhões onde estão contidos os jovens é de gradativa ansiedade, de perplexidade e até de medo. Ao passar por mais uma alta porta de ferro e entrar no largo corredor que dá acesso aos módulos, o sentimento é de que se está entrando em uma sucessão de jaulas de feras famintas. O corredor de altos muros, com pequena fresta gradeada de ferros no alto, é dividido em entradas laterais dos vários módulos. Para cada entrada há dois lances de grades de grossos ferros até o teto. Cada lance de grades é trancado, de forma que ao entrar em um módulo, a pessoa está presa entre grades. Mas ainda não terminou a imaginação do arquiteto, para conter adolescentes. A porta de entrada do módulo é ainda composta de dois lances menores de grades e de portas de ferro trancadas. Só então, o visitante chega no pátio onde estão os jovens trancafiados, literalmente à sete chaves.

Os internos em Franco da Rocha estão nas faixas etárias mais altas: entre 16 e 18 anos. Muitos deles são os chamados jovens-adultos com mais de 18 anos e menos de 21, que cometeram delito antes de completarem a maioridade penal (18 anos). Fazem parte do chamado circuito grave, ou seja, menores que cometeram roubos à mão armada, homicídios, estupros, muitas vezes associados ao tráfico e/ou uso de drogas. Quase todos são reincidentes, com inúmeras passagens pela FEBEM. Vêm eles da Capital e de cidades do interior, muitas vezes bem distantes. São em sua maioria negros e todos, sem exceção, pobres. Poucos podem receber visita de familiares, ou porque estes estão muito longe, no Interior, ou porque a unidade fica

tão isolada e distante que dificulta a chegada dos parentes. Muitos destes parentes nem dinheiro têm para o transporte. As visitas que recebem são de conselhos da criança, tutelares, de promotores ou de organizações de defesa dos direitos da criança. São esporádicas, impessoais e rápidas. Nesses segundos que vêm qualquer visitante, os meninos gritam quase todos ao mesmo tempo, pedindo informações de quanto tempo ainda ficarão por lá. A ansiedade justa de cada um é saber quando poderão sair; eles não têm idéia de quanto tempo mais deverão sofrer tamanho suplício e crueldade.

Escrever aos parentes, companheiras, amigos ou namoradas, tão pouco é viável, pois lhes é vedado acesso a qualquer instrumento ou objeto que possa ser transformado em estilete ou em arma, mesmo sendo um lápis ou caneta esfereográfica. Se conseguissem escrever, enviar a carta, na prática fica quase impossível, diante da quase incomunicabilidade dos meninos com os adultos, guardiões ou assistentes sociais. Nesse desamparo e isolamento, internos e também seus monitores, em permanente tensão, estão a beira do enlouquecimento. Os internos passam o tempo, em seu total ócio, arquitetando detidamente, meios de fugas ou de rebeliões. Mesmo que estas pareçam para nós impossível, no quadro em que vivem.

O Estado está, com essa arcaica política de repressão, gerando feras de alta agressividade e revolta. A política do que chamou de "novo olhar da Febem" ainda não saiu do papel, desde que foi anunciada em dezembro passado. Ao sair desse inferno, esse jovem profundamente marcado em sua vida por essa terrível experiência, com certeza, investirá contra a sociedade com todo sadismo, com grande selvageria, com frieza e crueldade. Será a sua vingança!

Maria Luiza Marcílio é pesquisadora do Instituto Fernand Braudel, professora titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e presidente da Comissão de Direitos Humanos da USP. Membro do Condepe e da Comissão de acompanhamento do Programa Estadual de Direitos Humanos.